

Resenha

***Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos* - Zigmunt Bauman**

Alejandra Saladino¹

Zigmunt Bauman, professor emérito de sociologia nas Universidades de Varsóvia e de Leeds, na Inglaterra, é um dos mais prestigiados estudiosos da modernidade tardia; destaca-se por suas análises do cotidiano, especificamente sobre os vínculos sociais possíveis no mundo atual, caracterizado, segundo o autor, pela velocidade e pela angústia que pairam no ar, considerando que nossas ações efetuadas mudam antes mesmo de se consolidarem as práticas do dia-a-dia.

Em seus livros – por sinal, com boa performance no mercado literário – Bauman trata da ambigüidade inerente aos dias de hoje, a dor e a delícia da possibilidade de se ter acesso às coisas e às pessoas de forma a estar potencialmente pronto e aberto para novas relações e “apropriações”, tornando as primeiras “resíduos”.

O autor analisa um contexto decorrente de dois aspectos centrais. O primeiro seria a “vontade de liberdade” inerente à constante busca pela individualização. O segundo seria a velocidade, responsável pela “inconsistência” das relações e pela alta produção de dejetos. As coisas e as relações não mais são feitas para durar; há sempre novos “produtos”, mais modernos, atraentes e estimulantes para serem consumidos. Assim, Bauman trata das conseqüências provocadas pela busca da liberdade em detrimento da vida social estável.

Em *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*, Bauman dá outro significado à noção de liquidez quando referida às relações humanas, distinto, ou melhor, inverso àquele empregado nas relações bancárias.² A liquidez referente a importantes somas de dinheiro significa a possibilidade de realização de qualquer desejo que envolva o consumo de segurança. Por outro lado, o amor líquido, em última instância, representa a possibilidade de sentir-se desprovido, inseguro.

¹ Alejandra Saladino, doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ, técnica em museologia do Departamento de Museus e Centros Culturais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-DEMU/IPHAN.

² Esta idéia perpassa outros de seus trabalhos, como *Modernidade Líquida* e *Vida Líquida*.

No final do prefácio, o autor define o tema: *este livro é dedicado aos riscos e às ansiedades de se viver junto, e separado, em nosso líquido mundo moderno*. Apesar de ter encontrado este livro na estante de uma grande cadeia de livrarias (mal gerenciada por destinar esta obra às estantes dos títulos de auto-ajuda), o autor nem de longe tem como proposta dar soluções para os males do amor moderno. Bauman, isto sim, aprofunda sua análise das relações humanas em geral e da sociabilidade nas cidades modernas a partir da tecnologia. Procura demonstrar que as relações afetivas são essencialmente ambivalentes; o desejo pelo amor eterno e pela segurança, as oscilações químicas relativas ao estado de enamoramento e o medo de perder algo enquanto se está “preso” a alguém. Enfim, existe o desejo de se ter o pássaro que voa enquanto se tem o outro nas mãos.

Bauman caracteriza as relações humanas contemporâneas a partir da fragilidade e da flexibilização que apresentam. O agente que atua nesse cenário é o homem sem vínculos, livre de compromisso com outrem, mas preso psicológica e espacialmente por medo do outro. O homem sem vínculo é corroído pela insegurança. Para o autor, o homem sem vínculos e a natureza liquefeita dos laços sociais na modernidade são, assim como o Holocausto nazista, fenômenos decorrentes da racionalidade da modernidade, embora sejam mais especificamente relacionados à globalização.

Para Bauman, que analisa Freud e o elemento fundador da civilização – amar ao próximo como a si mesmo – a sobrevivência de um ser humano torna-se a sobrevivência da humanidade no humano. Ele percebe que o germe da moralidade é o amor-próprio, mas este só é possível quando somos amados. Instaura-se então um processo relacional. Mas as relações são hoje reconfiguradas obedecendo aos princípios do consumismo, caracterizado mais pelo uso e pelo descarte frenético de bens do que pelo seu acúmulo. Corações não são mais guardados em estantes no meio de bugigangas. A oferta é grande e o melhor é evitar o envolvimento, que “fecharia portas”. Para os jovens de hoje, o importante é o número de bocas que se beija em uma noite. Na sociedade em que a memória é produzida e está à venda, o outro transforma-se então em mais um produto disponível para consumo, um consumo emocional. Esses “produtos” – filhos ou cônjuges – são passíveis de investimento – de tempo e de recursos – e seu valor é determinado pelo custo desse mesmo investimento.

Nossas relações tornam-se cada vez mais “flexíveis”, gerando níveis de insegurança sempre maiores. As relações amorosas passam a ser vivenciadas de uma

maneira mais insegura, com dúvidas acrescidas à já irresistível e temerária atração de se unir ao outro. Nunca houve tanta liberdade na escolha de parceiros, nem tanta variedade de modelos de relacionamentos, no entanto, em nenhum outro tempo os casais se sentiram tão ansiosos e prontos para rever, ou reverter, o rumo da relação como agora. Não queremos atualmente pagar o preço pago por nossos antepassados para manter um relacionamento afetivo. Se não está bom, parte-se para outra. Um relacionamento intenso pode deixar a vida um inferno, contudo, nunca houve tanta procura para relacionar-se com alguém. Bauman parece ver homens e mulheres presos numa trincheira sem saberem como sair dela e, o que é ainda mais dramático, sem reconhecer com clareza se querem sair ou permanecer nela. Por isso movimentam-se em várias direções, entram e saem de casos amorosos com a esperança mantida à custa de um esforço considerável, tentando acreditar que o próximo passo será o melhor. A conclusão não pode ser outra: *a solidão por trás da porta fechada de um quarto com um telefone celular à mão pode parecer uma condição menos arriscada e mais segura do que compartilhar um terreno doméstico comum.*

Com o aval da ciência, que busca reduzir os sentimentos a as reações químicas com prazo de eficácia, homens e mulheres – insatisfeitos, mas persistentes – continuam perseguindo a chance de encontrar a parceria ideal, abrindo novos campos de interação, como os pontos de encontros virtuais, nos quais a liquidez das relações é patente e o risco de comprometimento, de vínculo, é absolutamente controlável, bastando apenas desligar-se, cancelar a conta e deletar o *login*. Radicaliza-se aqui a possibilidade de amor inventado, antevisto por Cazusa. Não havendo certezas de amores *verdadeiros* ou *mentirosos* que atendam à vaidade humana, fica mais fácil convencer-se de que nunca existiram e, rapidamente, se está pronto para outro, na incessante e alucinante corrida pela satisfação do desejo.

Assim, observamos um crescente interesse e a prioridade pelos relacionamentos em “redes”. Eles podem ser tecidos ou desfeitos com igual facilidade – freqüentemente sem que isso envolva nenhum contato além do virtual – e perdemos, dessa forma, a capacidade de manter laços a longo prazo.

O autor ressalta que hoje *a proximidade não exige mais a contigüidade física; e a contigüidade física não determina mais a proximidade*, embora seja *tolo e irresponsável culpar as engenhocas eletrônicas pelo lento, mas constante recuo da proximidade contínua, pessoal, direta, face a face, multifacetada e multiuso*. Os mecanismos tecnológicos contribuem para o afrouxamento das relações humanas,

tornado-as menos compromissadas. No entanto, isto não significa que sejam menos responsáveis por este fenômeno. Casamentos hoje tidos como *ideais* e com maiores expectativas de longevidade são aqueles em que os parceiros não partilham de um espaço comum, cama, pia de banheiro, sala de televisão. Nunca a expressão *juntar os trapos* soou tão verdadeira e apropriada: a falta de recursos que possibilitem custear integralmente as despesas de uma vida independente pode ter relação expressiva com o aumento do número de casamentos informais, sem *papel passado*. Ainda que a legislação brasileira hoje garanta os direitos daqueles que vivem relações estáveis durante determinado tempo, ao menos subjetivamente, tais indivíduos sentem-se mais *livres* que aqueles casados oficialmente.

Então, as relações liquefeitas se desfazem ao término do interesse que as mantinha. Vínculos e compromissos são considerados grilhões que impedem diferentes consumos, o estabelecimento de novas relações pautadas em interesses concretos. No entanto, a solidariedade, fundamental para o bem-estar da comunidade, ainda não é consumível, pois é decorrente de laços mais estreitos que envolvem obrigações e responsabilidades em relação ao outro.

Bauman também identifica uma lógica de segregação espacial e social, decorrente da sensibilidade alérgica e febril aos estranhos e ao desconhecido e da incapacidade de aceitar e cuidar do humano na humanidade, em função da ausência de compromisso com o próximo. O medo instaura-se. A segregação é imposta e escolhida. Opta-se por estabelecer vínculos virtuais. Evita-se o contato do indesejável, com aquele que demanda certo tipo de compromisso, que lembra o fundamento da civilização. Amar o outro como a si próprio significa comprometimento, vínculo, querer para ele aquilo que se tem. Mas boa parte dos indivíduos encarcerados em seus condomínios, preocupados em salvaguardar seus bens – materiais e imateriais – não se considera responsável por aquilo que muros, grades e sistemas de segurança deixam do lado de fora: a miséria do outro, a diferença constrangedora e desagradável do estrangeiro.

Em resumo, Zigmunt Bauman tem por objetivo neste texto alertar sobre a necessidade urgente de se buscar uma humanidade comum para que seja novamente possível unir projetos individuais e ações coletivas, e para que se possa ter a consciência da angústia do eterno recomeçar.

Livro analisado:

BAUMAN, Zigmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zorge Zahar Editor, 2004.